

FERNANDA DIAS DOS SANTOS
SIDINEI DAMASCENO BASIL

A loucura do personagem Policarpo Quaresma, de Lima Barreto

São Paulo
2014

FERNANDA DIAS DOS SANTOS
SIDINEI DAMASCENO BASIL

A loucura do personagem Policarpo Quaresma, de Lima Barreto

Trabalho Temático apresentado às disciplinas do segundo semestre de 2014 do Curso de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Fundação Escola de Política e Sociologia de São Paulo.

São Paulo
2014

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	3
2	O ROMANCE “O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA”	4
2.1	SOBRE LIMA BARRETO.....	4
3	CONSIDERAÇÕES SOBRE LOUCURA.....	8
4	A LOUCURA DE POLICARPO QUARESMA.....	9
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
	REFERÊNCIAS.....	14

1 INTRODUÇÃO

A leitura do romance “O triste fim de Policarpo Quaresma” no traz uma série de reflexões, uma pluralidade de assuntos que podem ser explorados, de entradas para o entendimento desta obra. Além de romance, podemos considerar esta produção como um documento histórico – no que diz respeito à memória das questões sociais da época que relata –, e também uma produção com traços autobiográficos – no sentido de que o autor retrata o círculo social em que viveu e passagens de sua própria vida a partir de suas personagens.

Para nós, o ponto principal, o que nos chamou atenção e sobre o qual nos debruçaremos neste trabalho, é a questão da loucura da personagem Policarpo Quaresma – que guarda semelhança com uma passagem da vida do próprio autor, Lima Barreto.

Sendo assim, primeiramente apresentaremos brevemente aspectos relevantes para nosso trabalho sobre o romance como um todo e sobre seu autor, já fazendo referência direta às passagens da vida do autor em que a loucura se apresenta (BARBOSA, 1988; BARRETO, 1993; SEVCENKO, 2003). Posteriormente, recorreremos à consideração sobre o tratamento social dado a loucura, levantada por Foucault (2002a, 2002b), tendo como entrada para a questão as considerações de Frayze-Pereira (1982a, 1982b). Avançando, faremos um paralelo com tal concepção e a loucura de Policarpo Quaresma. Por fim, teceremos considerações finais sobre o autor, a personagem e a loucura.

As citações, diretas e indiretas, que faremos ao longo deste trabalho sobre o romance “O triste fim de Policarpo Quaresma” trarão apenas a paginação, uma vez que se trata sempre da mesma obra, a fim de evitar repetições e tornar o texto mais fluido.

2 O ROMANCE “O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA”

O romance “O triste fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto, foi publicado primeiramente como folhetins, entre agosto e outubro de 1911, no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, tendo sido bem recebido pela crítica e cinco anos depois editado como livro. O autor traça um panorama sócio-histórico da época da presidência de Floriano Peixoto, dando uma perspectiva bastante contundente da sociedade e das relações políticas de então. Na realidade, de acordo com Sevcenko (2003a), além de ser possível verificar nesta obra o tema do poder de forma bem particular, as críticas ao governo de Floriano Peixoto perpassam pelo romance de forma mordaz, contundente. Destacamos o trecho:

Se buscarmos compreender agora a visão de mundo transmitida pela produção intelectual do autor do Policarpo Quaresma, encontraremos como dado primordial a mesma concepção de inversão da realidade já apontada alhures. Também para ele o advento da República promoveu uma insólita elevação da incapacidade e da imoralidade, à custa da marginalização dos verdadeiros homens de valor. (SEVCENKO, 2003, p. 224).

Barreto (2002) compõe seu protagonista, Policarpo Quaresma, como uma personagem patriota que busca uma reforma social que traga o sentido da nação para a sociedade. Para tanto a personagem passa a experimentar o que depreende em sua vasta biblioteca que traz o tema recorrente da pátria em todos os seus aspectos. Estabelece-se um conflito entre o nacionalismo abstrato do Major Quaresma e a medíocre realidade nacional, retratada na burocracia das instituições, na visão de mundo preconceituosa da sociedade. Neste sentido, e recorrendo ao trecho acima, identificamos Policarpo Quaresma como um dos marginalizados.

A ação que envolve o protagonista, confrontada com a vida do próprio autor, nos dá pistas da dimensão, arriscamos, autobiográfica do romance, como verificaremos ao longo deste trabalho, mesmo não sendo este nosso tema principal.

2.1 SOBRE LIMA BARRETO

Afonso Henrique de Lima Barreto, mulato, pobre, retraído, desconfiado, discreto, amável e preocupado, estudante mediano, porém esforçado, sempre se preocupou em deixar seu pai orgulhoso e por vezes teve sua diferença social e de cor da pele apontada como desqualificação, conforme vemos em: “Vejam só! Um

mulato ter a audácia de usar o nome do rei de Portugal” (BARBOSA, 1988a, p. 83); ou em: “É muito triste não ser branco” (BARBOSA, 1988a, p.85).

Seu empenho na formação era calçado no desejo de orgulhar seu pai, que desejava ter um filho *doutor, com anel de grau e pergaminho*.

João Henriques era pai de quatro filhos e trabalhava como almoxarife no serviço das Colônias de Alienados. Em 1902, durante a conferência do livro-caixa, percebeu uma diferença do valor. Honesto e orgulhoso refez várias vezes a conta, porém a diferença persistia e cheio de escrúpulos não procurou seu superior, deixando o medo e a preocupação ocupar seus pensamentos. Com a proximidade do prazo da entrega final do relatório e com a constatação do desfalque, João durante uma madrugada, começou a apresentar episódios de delírios e aos gritos dizia ver policiais armados vindo busca-lo.

Essa foi apenas a primeira crise. João Henriques se sentia perseguido, jurava inocência e se dizia injustiçado e com inimigos, sem citar nomes. Ele passou por avaliação medica e foi declarado incapaz de continuar seu serviço na Colônia de Alienados. Seu sucessor, questionado sobre as afirmações de João e após conferencia dos livros, declarou que os livros-caixa estavam com todas as informações registradas corretamente.

As manifestações psiquiátricas do seu pai marcaram Lima Barreto, que mais à frente, as usou como modelo no livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*:

“Como fora doloroso aquilo! A primeira fase do seu delírio, aquela agitação desordenada, aquele falar sem nexos, sem acordo com que se realizava fora dele e com os atos passados, um falar que não se sabia donde vinha, donde saía, de que ponto do seu ser tomava nascimento! E o pavor do doce Quaresma? Um pavor de quem viu um cataclismo, que o fazia tremer todo, desde os pés até a cabeça, e enchia-o de indiferença para tudo mais que não fosse o seu delírio.”

A casa, os livros e os interesses de dinheiro andavam a matroca. Para ele, nada disso valia, nada disso tinha existência e importância. Eram sombras, aparências; o real eram os inimigos, os inimigos terríveis cujos nomes o seu delírio não chegava a criar.” (p. 63).

A incapacitação do pai transformou Lima Barreto em chefe de família que a partir daquele momento era responsável pela manutenção de oito pessoas: o pai demente, seus três irmãos, três sobrinhos e um agregado. Nessa posição era extremamente severo e cobrava obediência, revoltava-se com as dificuldades que apareciam e se via cada vez mais exigido pelas cobranças financeiras. Ele foi obrigado a abandonar a Escola Politécnica e a Federação de Estudantes, pois sua preocupação agora era conseguir um emprego que mantivesse toda a família.

Mesmo inseguro com a sua ortografia, resolveu prestar concurso para amanuense da Secretária da Guerra, se saindo bem em todas as provas, no entanto, sua péssima letra não o permitiu conseguir o cargo, ficando em segundo lugar, sendo chamado logo depois em outra vaga na mesma secretária, devido a um falecimento. Após a satisfação inicial, Lima Barreto percebeu que o cargo não trazia nada de estimulante, pois os dias passavam sem nenhum imprevisto, fazendo um grande esforço para se adaptar, observando seus colegas com um olhar de escritor que procurava inspiração para um novo personagem. Construiu um grupo de amigos com interesses diversos que frequentavam cafés e já possuía alguns admiradores dos seus textos. Assumiu a secretária de Revista da *Época* mais para aumentar sua renda familiar do que por desejo e, logo depois, começou a escrever reportagens para o *Correio da Manhã*. Sua vida domiciliar, ainda assim, o atormentava, ele se entristecia com o estado de saúde do seu pai e se trancava no quarto após as refeições para ler e fazer anotações para futuros personagens. Tinha grandes ambições literárias, iniciou vários textos que nunca chegaram a se completar, alimentando a esperança de se ver vingado de todos os preconceitos com o sucesso de seus livros.

Seus primeiros livros não foram aceitos pela crítica e creditava isso a sua cor de pele. Envolveu-se com as mudanças políticas da época o que não ajudou na divulgação dos livros. Aos 30 anos, cheio de dívidas e perdido na boemia, Lima Barreto aceitou o conselho de seu companheiro de bar, João Melo e escreve em um curto período o folhetim *Triste fim de Policarpo Quaresma*, baseando-se na convivência de anos com a insanidade do pai:

Muitas causas – dirá então- influíram para que eu viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão ou explicação de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterra-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem forte conhecimento que me arranjasse colocação condigna com a minha instrução; e eu aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o chopp, o whisky, as noitadas amanhecendo na casa deste ou daquele. (BARBOSA, 1988b, p. 169).

Lima Barreto escrevia com paixão, mas a crítica da época continuava a ignorar suas obras, se sentia desprezado, sofria ao ver a ascensão dos seus antigos colegas de classe e encontrou na bebida um tranquilizante. No início servia-se de chopp, cerveja, uísque, mas com a falta de dinheiro, experimentou a cachaça e ao anoitecer já se encontrava completamente bêbado. Não interrompeu sua escrita, porém seus personagens ficaram mais caricatos.

Seu estado físico começou a deteriorar, surgiram doenças típicas do abuso de álcool, afastamento do emprego e brigas. Seus próximos personagens apresentavam e carregavam muito de sua insatisfação no trabalho e intimidade com a bebida.

As visões do autor começaram como alucinações alcoólicas e nunca mais pararam, seus fantasmas o perseguia a todo momento. Sua família, que já estava sobrecarregada com a demência de seu pai, internou Lima Barreto em um hospício pelo período de 18 de agosto a 13 de outubro de 1914. Após este período, de volta para casa, continuou a escrever e cuidar do seu pai, resignado com seu papel.

Em 1915, com uma quantia emprestada, conseguiu publicar o livro *Triste fim de Policarpo Quaresma* em uma brochura pobre, de papel ordinário, reunindo em um só livro todo romance e alguns contos. Conforme BARBOSA (1988c), para a surpresa do escritor, o livro editado agradou a crítica e o público, sendo acolhido pela imprensa de forma elogiosa; chegaram a proclama-lo o sucessor de Machado de Assis.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE LOUCURA

A definição de loucura passa por várias possibilidades de entendimento. Tomando o senso comum, podemos entendê-la, a grosso modo, como uma doença que faz seu portador se comportar de forma diferente da esperada pelos que o cercam. A partir daqui, podemos começar a considerar a loucura como um fenômeno que não necessariamente se opõe à normalidade. O autor indica algumas possibilidades para tatear o termo, podendo ser: um estado de perda de consciência de si mesmo; uma doença que reside num distúrbio físico, orgânico; um distúrbio emocional; um desvio comportamental; um desligamento do mundo real a partir da insatisfação do que cerca o indivíduo; por fim, a tomada profunda de consciência do indivíduo em relação a si mesmo e ao mundo, refutando este último (FRAYZE-PEREIRA, 1982a).

Admitimos aqui que a concepção que nos interessa é a de loucura como uma oposição entre normal e anormal, inserida na realidade da coletividade que circunda o indivíduo (FRAYZE-PEREIRA, 1982b), desta forma, delimitamos a questão da loucura sob a perspectiva de um comportamento social, seja de inadequação ao que se é esperado, seja da tomada de consciência de si mesmo e do mundo por parte do indivíduo que o leva a estar fora do padrão estabelecido.

Ainda que já tenhamos delimitado nossa percepção sobre loucura, é importante evidenciarmos a reação social à loucura a partir do século XIX:

...De fato, foi preciso, por um lado, codificar a loucura como doença; foi preciso proceder a análises [...] que aproximam o mais possível essa higiene pública, ou essa precaução social que ela era encarregada de garantir, do saber médico e que, por conseguinte, permitem fazer esse sistema de proteção funcionar em nome do saber médico. [...] Foi preciso codificar a loucura como perigo[...] (FOUCAULT, 2002a, p. 148-149).

O trecho nos indica a relação histórica da sociedade com a loucura e seus “acometidos”. Podemos verificar que o tratamento desta implica necessariamente em se manter a ordem social e o prestígio da ciência. Esta pontuação se faz necessária neste momento, para garantir o desenvolvimento do nosso trabalho.

Para finalizarmos este capítulo, cabe salientar a passagem contada por Foucault (2002b) do agricultor Glenadel que tinha impulso de matar primeiro a mãe e depois a cunhada, que assume tal impulso e se deixa aprisionar como forma de evitar a desordem social. O que nos interessa neste relato é a presença de um

“louco” que tem consciência do seu desvio e aceita ser contido uma vez que não tem condições de reprimir seu desejo.

4 A LOUCURA DE POLICARPO QUARESMA

Policarpo Quaresma foi um apaixonado pela sua pátria e aí residia sua loucura. Ele buscava sempre se informar sobre as virtudes de sua terra e as exaltava: algo que podemos perceber no romance é sua “mania” de ter livros, formando uma biblioteca monotemática em que tudo sobre o Brasil era encontrado, lido, depois consultado, dando cada vez mais forma à sua paixão nacional.

Os livros, o seu hábito de ler, não era compreendido pela vizinhança, e mesmo diretamente condenado: “[...] um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: ‘Se não era formado, para quê? Pedantismo!’.” (p. 19).

Major Quaresma era um homem pacato, mas também era metódico e um exímio pesquisador, que gostava de compartilhar suas descobertas, mesmo que incompreendidas, a fim de comprovar sua tese de soberania da pátria frente aos outros países, como podemos ver em:

Para bem se compreender o motivo disso, é preciso não esquecer que o major, **depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos reflexões, chegava agora ao período da frutificação.** A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e **o seu grande amor à Pátria eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. Ele sentia dentro de si impulsos imperiosos de agir, de obrar e de concretizar suas idéias.** Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque em si mesma (era a sua opinião), a grande Pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra. (p. 30, grifo nosso).

Aqui podemos também verificar que sua paixão, ideia fixa que desemboca em sua loucura. Ou seja, tal loucura tem precedente e começa a tomar forma.

Após festa em casa de Coronel Albernaz, em que este via apenas uma festividade, mas Quaresma via a possibilidade de comprovar sua tese de superioridade nacional, o major se entrega de tal forma a brincadeira “Tangolomango” que passou mal fisicamente, o que o fez aprofundar-se cada vez mais seus estudos sobre os costumes da terra, dos índios agora, e, durante uma visita acontece o seguinte:

[...] Ihe bateram à porta, em meio de seu trabalho. Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. A irmã correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha, pois eram eles, ficaram estupefatos no limiar da porta.

[...]

Ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com a maior naturalidade:

– Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das coisas da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão... Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás.

O compadre Vicente, a filha e Dona Adelaide entreolharam-se, sem saber o que dizer. O homem estaria doido? Que extravagância! (p. 37).

Neste momento, já temos indicação de que as atitudes de Quaresma estão à margem do que é socialmente esperado, do que a sociedade entende como normal, é “extravagante”, estaria ele “doido”? “– Mas, Senhor Policarpo, disse-lhe o compadre, é possível que isto seja muito brasileiro, mas é bem triste, compadre.” (p. 38).

A incompreensão ao seu pensamento, que se manifestava de forma atenuada no ambiente doméstico, era mais agressiva no trabalho:

Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe porque em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse em tom chocarreiro: “Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?”

[...]

– Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

[...]

Os colegas ouviam-no respeitosos e ninguém, a não ser esses tal Azevedo, se animava na sua frente a lhe fazer a menor objeção, a avançar uma pilhéria, um dito. Ao voltar as costas, porém, vingavam-se da cacetada, cobrindo-o de troças: “Este Quaresma! Que cacete! Pensa que somos meninos de tico-tico... Arre! Não tem outra conversa.” (p. 23).

Quaresma, dando prosseguimento à concretização ao seu projeto de reformar o país, a fim de que se tornasse uma potência, fez um requerimento para que o tupi fosse a língua oficial do Brasil. Suas ideias eram consideradas à margem da sanidade, mesmo pelos seus amigos não o compreendiam:

– O Quaresma está doido.

[...]

– Eu logo vi, disse Albernaz, aquele requerimento era de doido.

– Mas é só, general, acrescentou Genelício. Fez um ofício em tupi e mandou ao ministro.

[...]

– Nem se podia esperar outra coisa, disse o doutor Florêncio. Aqueles livros, aquela mania de leitura...

– Para que lia tanto? indagou Caldas.

– Telha de menos, disse Florêncio.

Genelício atalhou com autoridade:

– Ele não era formado, para que meter-se em livros?

– É verdade, fez Florêncio.

– Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores, observou Sigismundo.

– Deveria ser proibido, disse Genelício, a quem não possuísse um título “acadêmico” ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham? (p. 50-51).

O requerimento, por confusões burocráticas, tornou-se ofício, levando a consequências desastrosas para a personagem: Policarpo foi suspenso e se sentindo humilhado se fechou para o mundo, vindo finalmente a ser internado.

A internação era a oficialização do desvio de Quaresma e o relato feito pelo autor é rico:

Quem uma vez esteve diante deste enigma indecifrável da nossa própria natureza, fica amedrontado, sentindo que o gérmen daquilo está depositado em nós e que por qualquer coisa ele nos invade, nos toma, nos esmaga e nos sepulta numa desesperadora compreensão inversa e absurda de nós mesmos, dos outros e do mundo. Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhantes: o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após.

E essa mudança, não começa, não se sente quando começa e quase nunca acaba. Com o seu padrinho, como fora? A princípio, aquele requerimento... Mas que era aquilo? Um capricho, uma fantasia, coisa sem importância, uma idéia de velho sem consequência. Depois, aquele ofício? Não tinha importância, uma simples distração, coisa que acontece a cada passo... E enfim? A loucura declarada, a torva e irônica loucura que nos tira a nossa alma e põe uma outra, que nos rebaixa... Enfim, a loucura declarada, a exaltação do eu, a mania de não sair, de se dizer perseguido, de imaginar como inimigos, os amigos, os melhores. Como fora doloroso aquilo! A primeira fase do delírio, aquela agitação desordenada, aquele falar sem nexos, sem acordo com que se realizava fora dele e com os atos passados, um falar que não se sabia donde vinha, donde saía, de que ponto do seu ser tomava nascimento! E o pavor do doce Quaresma? Um pavor de quem viu um cataclismo, que o fazia tremer todo, desde os pés à cabeça e enchia-o de indiferença para tudo mais que não fosse o seu próprio delírio. (p. 63).

Quaresma fora enquadrado, era louco e estava internado. Mas ressaltamos aqui as características efetivamente marcantes de sua personalidade: “No mais, era um homem como todos os outros, a não ser aqueles que têm ambições políticas ou de fortuna, porque Quaresma não as tinha no mínimo grau.” (p. 24).

Continuamos com o seguinte trecho, que também diz muito da personalidade da personagem:

Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições, pois nada dessas coisas que fazem os ódios e as lutas tinha entrado no seu temperamento.

Desinteressado de dinheiro, de glória e posição, vivendo numa reserva de sonho, adquirira a candura e a pureza d’alma que vão habitar esses homens de uma idéia fixa, os grandes estudiosos, os sábios, e os inventores, gente que fica mais terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas das poesias de outras épocas.

É raro encontrar homens assim, mas os que há e, quando se os encontra mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça. (p. 54).

O narrador cria um homem digno de simpatia, repleto de bons sentimentos, simplicidade e retidão de caráter. Seu ensimesmamento o protegeu de ter as ambições que o autor critica na sociedade.

Cabe agora indicar que a construção da personagem, ao menos da loucura da personagem, tem referência estrita com a experiência do autor em relação à loucura do pai, conforme relatamos na seção 2.1. Lima Barreto teve um pai que sofria de doença mental, várias vezes recolhido à casa de saúde mental. Ele mesmo passou pela experiência da internação em virtude de loucura.

A loucura que verificamos em Policarpo Quaresma reside mais no desvio do comportamento social esperado, conforme verificamos ao longo deste capítulo, reforçado pelo que expusemos em **3**. Conforme indica Frayze-Pereira (1982b), uma loucura como uma oposição entre normal e anormal, inserida na realidade da coletividade que circunda o indivíduo, ratificamos. Em casa ou na sociedade, suas ideias, suas aspirações, seu projeto não se enquadravam no que era esperado tomando tal vulto que foi preciso, a fim de manter a ordem social, segundo Foucault (2002b) codificar seu comportamento como doença e sua doença como perigosa até que fosse possível, como forma de higiene social, interná-lo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance “O triste fim de Policarpo Quaresma” traz uma crítica social profunda à época em que Lima Barreto o produziu, dando aspecto, inclusive, de documento histórico, uma vez que tal crítica esta impregnada de uma descrição profunda da sociedade. Além disto, identificamos que o autor usa elementos autobiográficos: a loucura do próprio pai, episódio decisivo em sua vida dele, que foi utilizado para compor Policarpo Quaresma, seu protagonista, um homem pacato e correto.

Para a loucura, conforme trouxemos ao longo do trabalho, ainda que com difícil definição, assumimos o entendimento de que se trata de um comportamento diverso ao esperado pela sociedade, e por esta mesma sociedade o dito louco é rechaçado e, como uma medida de higiene social, colocado em manicômios, a fim de que a ordem seja mantida.

Ao entendermos a crítica social que evidencia a hipocrisia, a mediocridade, a falta de qualquer coisa de genuíno, positivo, era caminho natural que o herói do romance não se enquadrasse nesta mesma sociedade e que tivesse sim um triste fim, mas que passasse principalmente pela fase da loucura, em que “Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhantes: o que foi antes da loucura é outro, muito outro, do que ele vem a ser após.” (p. 63).

Quaresma tem uma tomada profunda de consciência de si mesmo, mas também e principalmente em relação a si e a sociedade. Sua loucura reside, ainda que momentaneamente - já que depois sai do manicômio, controla seus ímpetos, mesmo não desistindo de sua paixão nacional - no refutar esta sociedade.

Entendemos então que a crítica social passa por esta personagem destoante do comportamento de então, que nunca se enquadrará no que a sociedade se configurou, o que inclusive o leva ao seu “triste” fim.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, F. A. Mocidade. In: _____. **A vida de Lima Barreto, 1881-1922**. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988a. p. 93-158.

BARBOSA, F. A. Intermezzo. In: _____. **A vida de Lima Barreto, 1881-1922**. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988b. p. 189-202.

BARBOSA, F. A. Maturidade. In: _____. **A vida de Lima Barreto, 1881-1922**. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988c. p. 189-202.

BARRETO, L. **O triste fim de Policarpo Quaresma**. 23ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

BARRETO, L. O pavilhão e a pinel. In: _____. **Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993a. p. 153-192.

BARRETO, L. Correspondência. In: _____. **Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993b. p. 209-234.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Uma questão problemática. In: _____. **O que é loucura**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 7-14.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Doença mental ou desvio social. In: _____. **O que é loucura**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 15-34.

FOUCAULT, M. Aula de 12 de fevereiro de 1975. In: _____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002a. p.173-210.

FOUCAULT, M. Aula de 5 de fevereiro de 1975. In: _____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002b. p.137-171.

SEVCENKO, N. Lima Barreto e a “República dos Bruzundangas”. In: _____. **Literatura como missão: tensões sociais, criação cultural na primeira república**. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 201-224.